



# Seminário Estadual de Educação Integral

CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM E O  
DESENVOLVIMENTO PLENO DO ESTUDANTE



## AS HISTÓRIAS QUE NÃO TE CONTAM

- As histórias que não te contam é um projeto de contação de histórias da comunidade escolar da Escola Integrada 2 de Maio que articula história local com literatura marginal.
- “A nossa escrevivência não pode ser lida como uma história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos”.  
(Conceição Evaristo)
- O negro então que tinha a voz silenciada e expressa a partir de uma narrativa branca, agora poderia se envolver e desenvolver a sua escrita a partir da sua realidade vivida, a partir do seu cotidiano, podendo então fazer a sua “escrevivência”.



**O local é o espaço privilegiado das pessoas, porque lá é o primeiro lugar que elas se relacionam, desenvolvem a comunicação, aprendem hábitos de convivência social e comunitária, se educam, brincam, odeiam e se amam. É lá onde a história ocorre na prática, onde os seus sujeitos são pessoas comuns, onde as mulheres, as crianças, os marginais, os loucos, os transgressores, os trabalhadores, os marginalizados pela sociedade e pela história oficial, são também sujeitos da história, são objetos de estudo dos(as) pesquisadores(as) e educadores(as). (Manoel Alves)**

**Antes de conhecer a nossa história oriunda da África, faz-se necessário conhecer nossa história local (quem somos a partir de nossa família, nosso bairro, cidade e região). (Sandra Petit).**



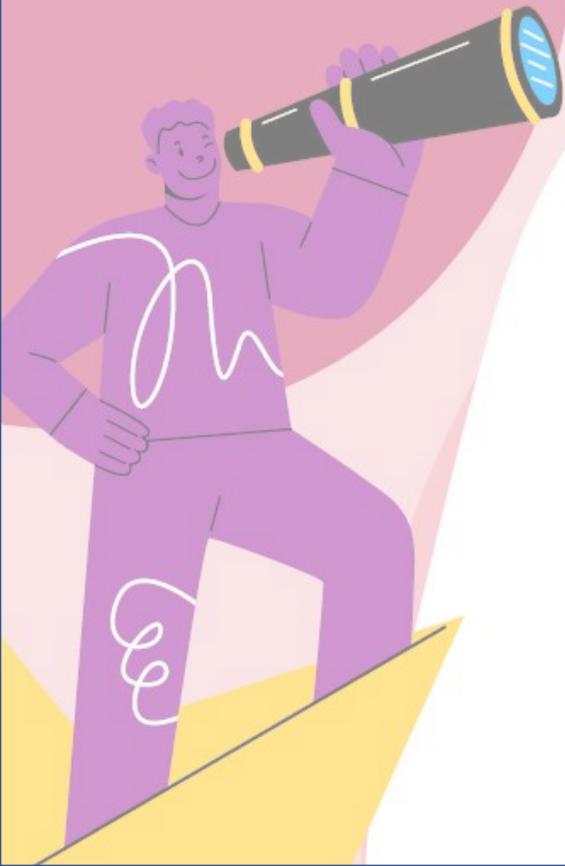
**- Acreditamos que a Escola Integrada 2 de Maio é um marco na luta por educação formal, na medida em que moradores e professores ousaram construir um espaço educacional diferentes dos demais. Essa diferenciação começa pelo próprio nome da escola que presta uma homenagem a data em que os moradores receberam suas casas - após um período de lutas, - faz-se ainda diferentes por propor a gestão coletiva da escola de modo real, cotidiano. Em torno ainda da fundação da escola - 14.05.90 procurou-se valorizar os grupos populares existentes na comunidade, resgatando a sua história e conhecendo a realidade vivenciada pelo coletivo. (Kelma Socorro Lopes de Matos)**

**Os mortos vão renascer em cada parcela da vida independentemente do seu tamanho, em cada palavra, em cada olhar, em cada gesto por mais simples que possa ser. Vão renascer na poeira, na água que dança, nas crianças que riem e brincam batendo mãos, no grão escondido sob o solo preto. E os espíritos irão lá onde eles querem, não mais como almas penadas mas como raios luminosos”.  
(Ana Maria Monteiro).**

**E o único lugar onde o pálido resquício do que se perdeu pode ser buscado [...] é no registro subjetivo, no arquivo histórico interno que é a memória do trauma, a memória da dor. Somos desafiados a entender o registro do silêncio. A transformar silêncio em imagem, imagem em palavra, para poder contar a história de nossa alma. E se não a pudermos contar, como se unirão as partes separadas?  
(Gambini)**

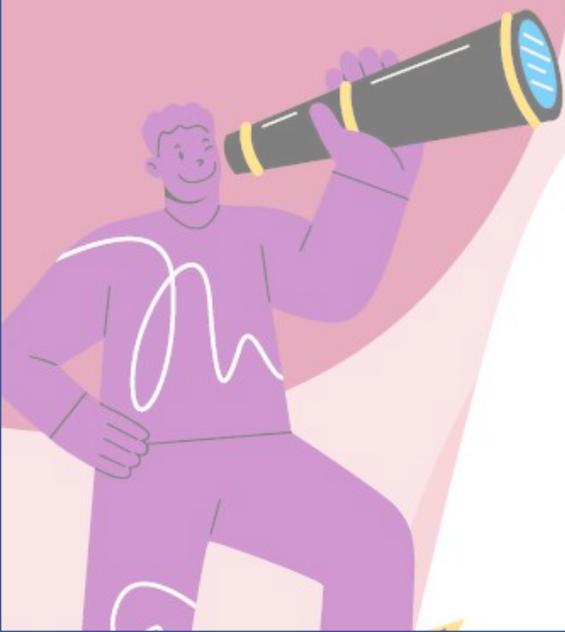
**- “só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura e pela humilhação, [...] só numa dimensão ficcional é possível entrever nas dobras da história os interditos.” Desta forma, a literatura não é sinônimo de fantasia e imaginação, mas é antes uma estratégia ordenadora da linguagem a fim de criar uma narrativa compreensível.” (Ioneide de Souza)**

**- O silêncio ao ser falado destrói o discurso que o silenciava.  
(Marilena Chauí)**



**- A diversidade que se constitui de algum modo como uma harmônica colagem das esferas sociais benignas é uma modalidade conservadora e liberal de multiculturalismo que, a meu ver, merece ser jogada fora. Quando tentamos transformar a cultura num espaço imperturbado de harmonia e concordância, onde as relações sociais existem dentro da forma cultural de um acordo ininterrupto, endossamos um tipo de amnésia social onde esquecemos que todo conhecimento é forjado em histórias que se desenrolam no campo dos antagonismos sociais. (Bell Hooks)**

**- O poder da sala de aula libertadora é, na verdade, o poder do processo de aprendizado, o trabalho que fazemos para criar uma comunidade. (Bell Hooks)**



## **Daniela Cumaru da Silva**

**Quando se trata de nome, o meu era o mais esquisito e sentia muita vergonha. Lembro-me de sempre chegar chorando em casa. Porém eu não sabia o peso que esse nome tinha embora soubesse que era índia por conta das histórias da minha mãe e do meu avô. Mas, eu sempre desdenhava da minha origem. Isso é normal, pois nos livros contam tudo distorcido e não é nossa culpa de fato. Hoje não me culpo, pois precisava passar por esse processo.**

**Na escola, a maioria do percurso foi de vergonha. Mas me recordo com muito carinho que eu iria me encontrar e encontrar um professor, um mentor, que abriu minha mente, me fez ver o outro lado da história.**

**Foi um processo complicado que o Professor Moita teve que enfrentar, pois eu era cabeça dura. Ele foi mostrando o quanto a minha história, meu nome, as minhas raízes eram importantes e reforçava isso todos os dias rsrs. Comecei a estudar o forte significado da luta da minha tribo chamada Kumarumã no qual deu origem ao meu nome Cumaru.**

**Isso me mostrou e o quanto eu era capaz de entrar na universidade. Passei na UFC para gastronomia, no Pronatec e em seguida entrei na UECE pra licenciatura em filosofia. Eu só ia percebendo o quanto era difícil está na universidade, pois vão dificultar essa trajetória de todas as formas. Inúmeras vezes chorava, queria desistir.**

**Todos os cursos que passei foram por cotas indígenas e logo percebi o quanto eu era sortuda de carregar a história do meu povo nas minhas costas, o quanto isso era maravilhoso e gratificante. Porém, vi o quanto os cotistas sofrem preconceito, porque foram “privilegiados”. Ouvi isso de alunos e professores, mas como diz a Bia Ferreira “COTA NÃO É ESMOLA.” Você está no LUGAR QUE É SEU POR DIREITO, pois aluno de escola pública tem que tá NA UNIVERSIDADE PÚBLICA, pois AQUILO DEVE SER PRA TODOS OS ESTUDANTES DE PERIFERIA. Hoje tenho orgulho de ser índia, moradora de quebrada e vejo que todo o processo que eu tive foi uma superação, pois hoje eu sou professora da escola pública da prefeitura. Olha o quanto isso pra mim foi gratificante. Tenho muito orgulho da minha escola, dos meus professores e da minha cultura.**



## **Superação e Aceitação**

**Me chamo Hugo Oliveira Santos, tenho 16 anos, sou do signo de leão, sou um pouco anti-social, mas aberto ao mesmo tempo e sou LGBT.**

**Minha vida sempre foi muito difícil e ainda mais quando se tem um segredo. Quando era criança, sempre gostei de brincar com as meninas, me sentia bem e confortável. Mas, sempre fui criticado por isso. Aos 6 anos, estava brincando de boneca com uma amiga de infância e meu pai chegou pra me levar pra casa. Quando ele me viu, me deu uma surra ali mesmo. Eu e meu pai, nunca tivemos uma boa relação de pai e filho.**

**Na escola, sempre sofria bullying por andar com as meninas, brincar com as meninas e "andar e falar" como menina. No 4º ano, foi muito ruim pra mim, foi a época que sofri mais bullying. Uma vez, dois garotos que sempre me perturbavam, se superaram e, no final da aula, me levaram pra trás da escola e começaram a me enforcar e começaram a dizer: "morre, seu viado", "você vai morrer aqui e agora". Fizeram aquilo por 3 minutos. Pensei que eu ia morrer ali mesmo. Fingi um desmaio e eles pararam e me deixaram em um canto, tive que esperar 1 hora pra ter certeza que tinham ido embora. Na antiga escola que estudava, nunca tive amigos que me ajudassem de verdade. Sempre fui uma pessoa sozinha.**

**Pensei que sofreria, ficaria sozinho pra sempre, mas tudo mudou aos 14 anos quando vim pra escola 2 de Maio. Era a primeira escola que podia chamar de lar, que me sentia em casa. Me senti amado, acolhido e com a liberdade de mostrar o "Verdadeiro Eu", depois de tanto tempo.**

**Lá foi totalmente ao contrário. No primeiro dia no 8º ano foi estranho, mas com o tempo passando, fui tendo amigos. Não sabia como era a sensação de ter amigos. Fiquei extremamente feliz. Foi a escola onde me assumi gay, sem medo. Quando revelei, pensei que eu iria sofrer em dobro, mas não. Me acolheram com o todo carinho e apoio, algo que eu não sabia como era, já que eu era anti-social.**

**Com o passar do tempo, fui tendo mais e mais amigos. Eu só tenho a agradecer à escola 2 De Maio. Por me aceitar do jeito que eu sou, por ter tantos amigos e saber como é a verdadeira felicidade.**



**Minha mãe era puta!**

**O 1º Ano D iria apresentar um trabalho sobre os seus ancestrais. Mas, quando eu cheguei na sala de aula os caras estavam agredindo as ancestrais uns dos outros. Era um tal de “fi da num sei quem” pra todo lado.**

**Depois de organizar as fileiras, dar aquele carão de tio e dizer que era por isso que nenhum deles tinha namorada, perguntei quem queria começar.**

**Enquanto as meninas mangavam dos amigos, o mais fofo dos fofos, um pretinho que sentava na frente, tomou a dianteira:**

**- Bom dia. Minha mãe era puta! Me teve por duzentos reais, e teve meu irmão por um pouco mais. Ela sofreu muito nessa vida, mas conseguiu sair dessa. Hoje ela trampa como costureira e é casada com outra mulher. Tenho muito orgulho dela e tenho duas mães agora!**

**A minha cara de espanto ao ouvir uma história que não te contam logo às sete da manhã era a mesma cara de espanto de todo o 1º ano D. Desde então, ninguém na turma nunca mais mexeu com a mãe do outro. Máximo respeito!**

**@moita\_brava**

**PARCEIROS**

